29 JUL
Quarta / Wednesday

19:30 Castelo de Marvão, Pátio / Marvão Castle, Courtyard
BANDA SINFÓNICA / SYMPHONIC BAND

William Youn, piano
BANDA SINFÓNICA PORTUGUESA

David Fiuza, maestro

Sergei Prokofiev (1891–1953) / Arr. José Schyns (n. 1959)
Sinfonia Clássica
Allegro
Larghetto
Gavotte
Finale: Molto vivace

Igor Stravinsky (1882–1971)
Concerto para Piano e Instrumentos de Sopro
Largo – Allegro
Largo
Allegro

Igor Stravinsky / Arr. Frederick Fennell (1914–2004)
Suíte O Pássaro de Fogo
Introdução e Dança do Pássaro de Fogo
Khorovod das Princesas
Dança Infernal do Rei Kashchei
Canção de Embalar e Finale

Com Horácio Ferreira, clarinetista, como consultor artístico do Festival Internacional de Música de Marvão, os instrumentos de sopro sempre tiveram um papel visível no programa, mas este concerto, em particular, evidenciará as virtudes da rica família dos instrumentos de sopro. A premiada Banda Sinfónica Portuguesa está, como poucas formações, em posição de nos mergulhar nos sons magníficos do saxofone, da flauta, do fagote, do trombone, do trompete e de todos os outros instrumentos de sopro.

Embora fosse pianista, Igor Stravinsky foi um defensor dos instrumentos de sopro. A sua obra inclui várias composições para sopros, entre as quais peças essenciais como as suas Sinfonias para Instrumentos de Sopro e o seu Octeto para Instrumentos de Sopro. Outra composição fundamental é o Concerto para Piano e Sopros, que escreveu em meados da década de 1920, quando vivia em Paris. Concebida no que mais tarde viria a ser chamado estilo neoclássico, a música remete para os tempos de Bach, Mozart, Händel e Rameau, mas claramente com a assinatura de Stravinsky. A fricção harmónica e os ritmos inquietantes mantêm o ouvido em alerta. A forma neoclássica procurava libertar-se das narrativas emocionalmente sobrecarregadas do período romântico, que ainda persistiam. Por isso, Stravinsky compôs o Concerto para Piano e Sopros para si próprio. Queria evitar que a peça fosse interpretada por “mãos incompetentes ou românticas”.

O concerto abre com aquela que alguns consideram a primeira composição neoclássica: a luminosa e jubilosa Sinfonia Clássica, de Prokofiev. Enquanto Prokofiev considerava a sua sinfonia apenas uma composição autónoma, Stravinsky ficou fascinado durante mais tempo pelas ideias do neoclassicismo, que acabariam por deixar marca em várias dezenas das suas obras. Para mais informações sobre a Sinfonia Clássica, de Prokofiev, consulte as notas de programa do concerto da Orquestra de Câmara de Colónia, no dia 26 de Julho, às 19:30.

A peça principal deste concerto é O Pássaro de Fogo, de Stravinsky. Concebida em 1910 como bailado para os ilustres Ballets Russes, foi depois reorganizada pelo próprio Stravinsky como suite orquestral. Em 2013, o maestro norte-americano Frederick Fennell realizou uma magnífica adaptação para instrumentos de sopro. É esta versão que ouviremos esta noite.

No final da primeira década do século XX, Stravinsky estava ainda firmemente enraizado no chamado período russo, durante o qual muitas das suas obras foram influenciadas por contos populares e histórias fantásticas russas. A história subjacente a O Pássaro de Fogo fala do príncipe Ivan, que acaba no jardim mágico do imortal rei Kashchei, onde encontra o radiante Pássaro de Fogo, criatura metade ave, metade mulher. Como recompensa por a libertar, o Pássaro de Fogo oferece ao príncipe uma das suas penas mágicas. No episódio seguinte, o príncipe apaixona-se por Elena, a mais bela das treze princesas que avista. Ao segui-las até ao palácio, é capturado pelos guardas. Usando a pena mágica do Pássaro de Fogo, convoca o rei para uma dança infernal e extenuante. Depois de descobrir o segredo da imortalidade do rei, o príncipe consegue libertar as princesas do seu cativeiro encantado. A suite termina em júbilo com a queda do rei maléfico e a união feliz de Ivan e Elena.

Em O Pássaro de Fogo, Stravinsky utilizou uma técnica que tomou de empréstimo do seu professor Rimsky-Korsakov. Está relacionada com o leitmotiv, um tema curto que representa uma pessoa, um lugar ou uma ideia. Stravinsky integrou o leitmotiv na harmonia da composição. Dito de outro modo, usou escalas diatónicas - a escala

regular de dó-ré-mi-fá-sol-lá-si - para os mortais, e a escala cromática - uma sequência de todos os doze semitons de uma oitava, por exemplo todas as teclas, brancas e pretas, de um piano - para os imortais.

Em suma, este concerto não é apenas uma celebração dos instrumentos de sopro, mas também contrapõe dois períodos diferentes, embora igualmente fascinantes, do desenvolvimento de um dos compositores mais influentes do século XX.

With the clarinetist Horácio Ferreira acting as the artistic advisor to the Marvão International Music Festival, wind instruments have always played a noticeable role in the program, but this concert in particular will bring out the virtues of the rich family of wind instruments. The prize-winning Banda Sinfónica Portuguese (the Symphonic Band Portugal) is, like few others, in the position to immerse us into the gorgeous sounds of the saxophone, the flute, the bassoon, the trombone, the trumpet and all the other winds.

Although a pianist himself, Igor Stravinksy was a champion of the wind instruments. His oeuvre counts several works for winds, including essential compositions such as his Symphony for Wind Instruments and his Octet for Wind Instruments. Another key composition is his Concerto for Piano and Winds, which he wrote in the mid-1920s while living in Paris. Conceived in what later would be called the neoclassical style, the music harks back to the times of Bach, Mozart, Haendel and Rameau, but clearly with Stravinsky's signature. Harmonic friction and unsettling rhythms keep your ears perked. The neoclassical form aimed at getting rid of the emotionally overcharged narratives of the Romantic period that was still lingering. Hence, Stravinsky composed the Concerto for Piano and Winds for himself. He wanted to avoid that the piece would be performed by “incompetent or Romantic hands”.
The concert opens with what some call the first neoclassical composition, Prokofiev’s bright and joyful Classical Symphony. While Prokofiev considered his symphony as just a stand-alone composition, Stravinsky was fascinated by the ideas of neoclassicism for a longer period, which eventually left its mark on several dozens of his works. For further information on Prokofiev’s Classical Symphony, please refer to the program notes for the concert of the Cologne Chamber Orchestra on 26 July at 19.30h.

The main piece of this concert is Stravinsky’s Firebird. Conceived in 1910 as a ballet for the illustrious Ballets Russes, Stravinsky himself rearranged it as an orchestral suite. In 2013, the American conductor Frederick Fennell made a wonderful adaptation for wind instruments. It is this version that we will hear tonight.

In the late 1900s, Stravinsky was still firmly rooted in his so-called Russian period, during which many of his works were influenced by Russian folk stories and fairytales. The Firebird's underlying story relates to Prince Ivan, who ends up in the magical garden of the immortal King Katschai where he encounters the radiant Firebird, a creature half-bird, half-woman. As a reward for her release, the Firebird gives the Prince one of her magical feathers. In the next episode the Prince falls in love with Elena, the prettiest of thirteen princesses he glimpses. Following them into the palace, he gets caught by the guards. Using the Firebird's magical feather, he beckons the king to engage in an infernal and exhausting dance. After extracting the secret of the king's immortality, the Prince is able to release the princesses from their enchanted captivity. The suite ends in joy over the demise of the evil king and Ivan and Elena's happy union.

For the Firebird Stravinsky used a technique that he borrowed from his teacher Rimsky-Korsakov. It is related to the *leitmotiv*, a short theme that represents a person, a place or an idea. Stravinsky embedded the leitmotiv into the harmony of the composition. Put differently, he used the diatonic scales (the regular do-re-mi-fa scale) for the mortals, and the chromatic scale (a sequence of all the twelve semitones of an octave, for example all the keys, white and black, on a piano) for the immortals.

In short, this concert is not only a celebration of the wind instruments, but it also contrasts two different, but equally fascinating periods in the development of one of the twentieth century's most influential composers.

Bart de Vries